

O uso turístico da memória lampiônica em Serra Talhada – PE

The tourist use of lampiônica memory in Serra Talhada – PE

José Ferreira Júnior*

Resumo: Este trabalho trata acerca de como a memória lampiônica é usada, com finalidade turística, em Serra Talhada, cidade pernambucana sertaneja, lugar de nascimento de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Adotou-se uma abordagem qualitativa, de cunho exploratório bibliográfico. Decorre da observação relacionada à busca da cidade, por turistas interessados em informações sobre Lampião, e as ações de produtores culturais locais visando satisfazer tal interesse. As informações coletadas derivam-se de pesquisas realizadas entre os anos 2009 e 2014. Conclui-se ser, de fato, a memória lampiônica, representada em eventos e ancorada em lugares de memória, a mercadoria consumida turisticamente, ou seja, o elemento que viabiliza a venda turística da cidade.

Palavras-chave: Memória Lampiônica; finalidade turística; Serra Talhada.

Abstract: This work deals with how the lamp memory is used, for tourist purposes, in Serra Talhada, a city in Pernambuco, the birthplace of Virgulino Ferreira da Silva, known as Lampião. It is a qualitative approach, with an exploratory bibliographic nature. It stems from the observation related to the search for the city, by tourists interested in information about Lampião, and the actions of local cultural producers aiming to satisfy this interest. The information collected derives from research carried out between 2009 and 2014. It is concluded that, in fact, the lampiônica memory, represented in events and anchored in places of memory, is the commodity consumed for tourism, that is, the element that enables the tourist sale of the city.

Keywords: Lamp memory; tourist purpose; Serra Talhada.

1 Introdução

São duas as condições para existir turismo: ter o que mostrar e haver quem queira ver o que se quer mostrar. Em outras palavras, é preciso haver produto a ser consumido e consumidores para o produto oferecido. Diante desta constatação, pode-se entender turismo como sendo “uma atividade complexa que envolve o deslocamento de pessoas para fora de seu lugar de residência habitual, com intuito de realizar atividades que satisfaçam seus desejos de lazer” (SANTANA, 2009, p. 55).

Em Serra Talhada, cidade sertaneja pernambucana, conhecida nacional e internacionalmente como o berço de Virgulino Ferreira da Silva, o cangaceiro Lampião, que segundo Lins (2001, p. 14), é “um dos cangaceiros mais conhecidos e pesquisados no Ocidente”, há um produto turístico e, de maneira recorrente, ocorre afluxo turístico em busca de consumir o produto oferecido.

*professorferreirajuniorst@gmail.com.

O produto turístico serra-talhadense em discussão é Lampião, que de variadas formas é oferecido a turistas de várias partes do Brasil e do mundo, que se deixam atrair pelo trabalho de produtores culturais serra-talhadenses, que se faz conhecido pela divulgação midiática, em redes sociais, jornais, rádios e televisão.

Diante disso, inquietou-nos o fato de perceber que o hoje lampiônico serratalhadense diverge do seu ontem histórico, ou seja, percebe-se ter havido uma trajetória histórica, na qual a memória de Lampião experimentou ressignificação, trazendo-nos a formulação dos questionamentos: Por que razão foi dada ressignificação à memória de Lampião? Como se verifica a efetivação dessa ressignificação? A quem se confere a agência dessa ressignificação?

Neste texto, enquanto objetivo geral, mostra-se como ocorre, com finalidade turística, o uso da memória lampiônica em Serra Talhada. Procura-se, como objetivos específicos, mostrar como se deu a construção de uma tradição lampiônica na cidade e, após a construção dela, o empenho dos produtores culturais em fazê-la robustecida, através de celebrações, festividades, eventos, lugares de memória. Nisto se encontra a sua relevância, uma vez que se procura mostrar que o hoje observado é fruto de uma construção, que tem em sujeitos históricos a sua agência.

Desse modo, em primeiro plano, destacaremos o início da invenção da tradição lampiônica em Serra Talhada e a razão de sua existência. Depois, mostraremos os lugares de memória lampiônicos, tanto na espacialidade urbana quanto na rural. Sendo todo esse percurso de discussão atrelado a uma finalidade: turismo lampiônico.

A relevância desse texto se encontra no fato de trazer à luz uma explicação histórica para o verificado hoje em Serra Talhada, no referente ao consumo turístico da memória lampiônica. O produto turístico oferecido em Serra Talhada é fruto de uma construção, que nos produtores culturais locais tem a sua agência.

2 Procedimentos Metodológicos

A discussão que aqui se desenvolve, em relação à escrita deste texto, constrói-se a partir de pesquisas realizadas entre os anos de 2009 e 2014, quando ‘fiz’ meus estudos de mestrado e doutorado em Ciências Sociais, ligados ao Programa de Pós Graduação em

Ciências Sociais, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), posteriormente transformado em livro (2021).

Justaposto a essas investigações, são evocados autores locais e não locais, que versam sobre cangaço lampiônico, os chamados memorialistas. Empreende-se levantamento bibliográfico (porquanto possibilita acessar discursos e posicionamentos outros relacionados à temática discutida) e documental e, para tratamento dos dados, é feita a análise de conteúdo.

No que se refere à questão teórica, Hobsbawm e Rangel (2012), promovem uma discussão sobre tradição inventada, da sociologia compreensiva de Max Weber (2022), contribui com sua Sociologia compreensiva, principalmente no que diz respeito à ação social.

3 Referencial teórico

Contemporaneamente se observa um fascínio e pelas coisas memoráveis (SÁ, 2000), sendo isto denotado na atração que exerce a memória nos diversos campos do saber: antropologia, psicologia, história e sociologia, citando-se somente alguns desses campos. Essa ênfase significativa dada à memória se revela em falares acerca da mesma: diz-se haver um “momento memorioso” (DOSSE, 2018); uma “indústria de memória” (KLEIN *apud* SÁ, 2000) e até um “mercado de memórias” (ALBERTI, 1996).

Ainda que várias sejam as opções que se possa abordar a temática, opta-se neste trabalho pela análise da dimensão social da memória e a repercussão turística que tal dimensão proporciona existir em uma determinada sociedade. A memória aludida é a de Lampião, e a sociedade onde se reflete essa memória, a serra-talhadense, localizada no Sertão pernambucano.

3.1 Há uma tradição lampiônica inventada em Serra Talhada

É de acordo com Hobsbawm e Ranger (2012) que o termo tradição inventada é aqui citado, tanto referente a seu uso quanto a seu significado. Para os autores citados, é amplo o uso do termo tradição inventada, porém, não há indefinição quanto a seu uso. Assim, conforme os teóricos supracitados:

Inclui tanto as tradições realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num

período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas - e se estabeleceram com enorme rapidez. (HOBWBAWM; RANGER, 2012, p. 9).

Quanto à tradição lampiônica inventada em Serra Talhada, esta pode ser alocada no primeiro caso citado no excerto acima, porquanto, como se verá adiante, está delimitada no tempo e experimenta construção e institucionalização.

No que diz respeito à definição de tradição inventada, os autores em discussão ponderam que a repetição, o ritual e a simbologia lhes são elementos intrínsecos. Dessa forma, através da repetição, os dois outros elementos – o ritual e a simbologia – atuam visando introjetar nas pessoas “certos valores e normas de comportamento, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado” (HOBWBAWM; RANGER, 2012, p. 9).

Partindo da premissa de que ao passado histórico, relacionado à tradição inventada, não se exige necessariamente o ter que ser remoto, perdido no tempo e, por isso, impossível de ser localizado e datado. Levando-se em conta o tempo cronológico, tem-se como o ponto zero da invenção da tradição lampiônica em Serra Talhada, uma peça teatral intitulada “A Chegada de Lampião no Inferno”, em 1984, encenada no auditório do Colégio Cônego Torres, dirigida por Anildomá Willans de Souza, conhecido por Domá e hoje, produtor cultural, que diz, “foi o primeiro trabalho que nós imaginamos ser Lampião” e que buscava satisfazer uma demanda: “resgatar a imagem de Lampião em Serra Talhada” (FERREIRA JÚNIOR, 2021, p. 71)

Na fala de Anildomá Willans de Souza, doravante aqui chamado Domá, verifica-se contundência, quando afirma haver uma intenção previamente determinada, uma ação racional visando a um fim (WEBER, 2022), quando da encenação da peça acima citada: resgatar Lampião. Partindo da premissa que somente se resgata aquilo que está em condição de desfavor, um perguntar se anuncia: como se deu o resgate da imagem de Lampião, em Serra Talhada?

3.1.1 A legalidade em favor de Lampião

Em 1986, dois anos após a encenação da peça “A Chegada de Lampião no Inferno”, o vereador Expedito Eliodório, conhecido como Louro Eliodório, apresenta aos seus

pares um Projeto de Lei que, após discussão, vem a se tornar a Lei Municipal nº 621, de 19 de dezembro de 1986.

No texto do Projeto da Lei, é clara a intenção do vereador em evidenciar o que, de acordo com seu entendimento, vivenciava descaso social: personagens de destaque da história da cidade, dentre eles, Lampião. Veja-se, no registro de Ferreira Júnior (2021, p.73, **grifo do autor**):

A terra que à nação lançou homens, entre outros, da estirpe dum Agamenon Magalhães e **Virgulino Ferreira da Silva (Lampião)**, vegeta no limbo da insensibilidade. Pouco ou nada foi realizado a fim de que se arrancasse dos terreiros desolados dos seus filhos o joio da desinformação sobre suas origens; sua casa; sua memória [...] Nem tudo está perdido. Em toda a perdição sempre resta algo para servir de testemunho, de memória ao que se perdeu e ao que sobrou.

Mesmo que não houvesse exclusividade lampiônica tratada no Projeto de Lei, porque oficialmente dizia-se haver preocupação com o resgate da memória histórica do município, havia clara demonstração de interesse da apropriação da memória de Lampião. Isto se revela contundente, quando o texto se reporta à criação do Museu da Cidade e ao Estatuto da Fundação Casa da Cultura de Serra Talhada, registrado por Ferreira Júnior (2021, p. 74, **grifo do autor**), conforme se observa abaixo:

[...] uma campanha regional para resgatar para Serra Talhada **objetos, móveis, utensílios, depoimentos, documentos da história da cidade e do cangaço [...] reconstrução das casas de Lampião e do seu principal inimigo, Zé Saturnino [...] elevação de monumentos a Lampião** e ao Barão do Pajeú, em cada uma das entradas da cidade [...] **promoção de concurso regional, quiçá nacional, sobre o tema: Serra Talhada, Berço de Lampião.**

Ademais, outro elemento põe Lampião em destaque: o elemento econômico. Ou seja, o apelido do serra-talhadense Virgulino Ferreira da Silva – Lampião – aparece no Projeto de Lei ligado à possibilidade de a cidade vir a auferir ganhos com a sua memória. Em outras palavras, é dado a Lampião status mercadológico turístico. Veja-se, no registro abaixo (FERREIRA JÚNIOR, 2021, p. 74, **grifo do autor**).

Não se concebe o ostracismo a que condenamos nossa terra e nossa gente, negando-nos, **inclusive, as divisas que por certo ganharíamos com o folclore e a memória de Lampião, verdadeiros motivos de atração turística tão bem explorados por cidades e Estados, que pouco tiveram a ver com Virgulino Lampião, filho de Serra Talhada.**

O texto chama a atenção para a perda de oportunidade, por parte da cidade de Serra Talhada, em lucrar financeiramente com a memória lampiônica, quando afirma existir,

por parte de outros espaços, a exploração comercial da memória do cangaceiro. Somado a isto, não passa despercebida a desqualificação emitida aos espaços que lucram com a memória lampiônica, quando a tais não é conferido vínculo de identidade com o cangaceiro.

Convém lembrar que desde 1975, em Triunfo, cidade vizinha de Serra Talhada, existia um Museu do Cangaço e a memória lampiônica era usada como elemento agregador de valor ao turismo que ocorre naquela cidade serrana. Essa ação dos produtores culturais triunfenses, por seu traço de vanguardismo na exploração da memória lampiônica, angariou contestação de jovens artistas pertencentes ao grupo Teatro Amador de Serra Talhada, TAST, que reivindicavam para Serra Talhada o direito da exploração comercial da memória do cangaceiro, usando a justificativa de ser Lampião serra-talhadense (FERREIRA JÚNIOR, 2021a).

Outra consideração a ser feita diz respeito ao fato de que, quando o Projeto de Lei do vereador Louro Eliodório foi aprovado e se tornou a Lei Municipal nº 621, de 19 de dezembro de 1986, uma resistência significativa se fez anunciada, visto que a referida lei conduzia Lampião à condição de patrimônio cultural serra-talhadense, além de colocá-lo no mesmo patamar de importância de outros filhos da cidade, tidos como ilustres, como Agamenon Magalhães e o Barão do Pajeú.

Pode-se afirmar que a lei em discussão promovia confronto ao que estava solidificado discursivamente sobre a memória lampiônica, que era o adjetivo de sanguinário atribuído ao cangaceiro. Tratava-se, pode-se afirmar, de se estabelecer transgressão à lei do lugar (CERTEAU, 2014)¹ e, dessa forma, dar prosseguimento à tradição inventada (HOBSBAWM; RANGER, 2012) relacionada a Lampião.

Todavia, a resistência que se fez anunciar não se constituiu elemento obstaculizador às ações dos que tinham interesse em resgatar a memória de Lampião. Assim, depois da aprovação da lei citada acima, passa a haver ações de produtores culturais que irão buscar dar robustez à tradição inventada da memória lampiônica em Serra Talhada e, dessa forma, promover afluxo turístico à cidade, como se verá adiante.

¹ Para Certeau, lugar é regra, doutrinação, poder, objetiva a disciplina e faz parte do domínio do estratégico. Lugar indica uma posição de estabilidade, uma configuração de posições e “é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistências” (CERTEAU, 2014, p. 201).

3.2 Eventos relacionados à memória lampiônica em Serra Talhada: as ações de produtores culturais locais visando à atração turística

Sob o discurso da necessidade da preservação da cultura local, em 1987, em Serra Talhada, é fundada a Casa da Cultura. O surgimento dessa instituição está ligado ao processo de fortalecimento da invenção da tradição lampiônica na cidade. À época, presidia a referida instituição o produtor cultural Tarcísio Rodrigues, este declara qual era a real intenção dos que, juntamente com ele, faziam-na existir administrativamente: “a casa vivia procurando um mote pra vender Serra Talhada turisticamente; vivíamos procurando esse mote” (FERREIRA JÚNIOR, 2021a, p. 75).

A declaração do produtor cultural revela claramente uma intencionalidade de caráter econômico relacionada à cidade e, também a busca de um meio para satisfazê-la. O verbo viver como se apresenta flexionado (vivíamos) denuncia movimentação constante em busca de solução para o problema que se apresentava: vender turisticamente Serra Talhada.

A afirmação do experimento de movimentação na busca de se achar forma viável de vender turisticamente a cidade revela sentido, quando é realizada leitura do momento histórico em que ela ocorre. Assim se fazendo, perceber-se-á ser possível duas suposições: ou o que se dispunha, enquanto produto turístico, não gerava interesse aos de fora, ou, o que se tentou emplacar como mercadoria para consumo turístico não logrou o êxito esperado, ou seja, não vendeu a cidade como se queria que fosse vendida.

A análise histórica mostra que ambas as suposições estão corretas. Ou seja, havia na cidade a tradição inventada da beleza feminina, decorrente do fato de nos anos 1974, 1975 e 1976 três moças serra-talhadenses se tornaram misses Pernambuco e isso, por sua vez, trouxe a Serra Talhada o epíteto de Cidade Tricampeã da Beleza Feminina. A tentativa de vender turisticamente a cidade ancorada na tradição da beleza feminina caiu em desuso, o que ocorre quando o obsoletismo perpassa uma tradição inventada:

Provavelmente, não há lugar nem tempo investigados pelos historiadores onde não haja ocorrido a “invenção” de tradições. Contudo, espera-se que ela ocorra com mais frequência: **quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as “velhas” tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis**; quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. (HOBSBAWM; RANGER, 2012, p. 12, **grifo do autor**).

A constatação do obsoletismo da Tradição da Beleza Feminina levou os produtores culturais locais a empreenderem busca a algo que pudessem transformar em uma nova tradição, visto que “inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quando da oferta” (HOBSBAWM; RANGER, 2012, p. 12).

Urgia, para se vender turisticamente a cidade, inventar uma nova tradição. Assim, passou a existir busca de um produto, que promovesse atrativo à cidade. Isto se revela na tentativa de emplacar o evento A Missa do Poeta, realizado em setembro de 1988, conforme se verifica em notícia divulgada no Diário de Pernambuco, um dos maiores jornais do Estado (IMAGEM 1):



IMAGEM 1 - Anúncio da Primeira Missa do Poeta, em Serra Talhada

Fonte: Jornal Diário de Pernambuco (1991).

Zé Marcolino, poeta, cantor e compositor, falecido em 1987, revelava-se mote promissor na intenção de se vender turisticamente a cidade.² O homenageado era parceiro de Luiz Gonzaga em várias composições de sucesso. Ademais, conforme se verifica no texto jornalístico, a tentativa da invenção da nova tradição se respaldava em outra que havia deslanchado, A Missa do Vaqueiro, na cidade de Serrita, em solo pernambucano, distante de Serra Talhada cerca de 120 quilômetros. Todavia, o intento não logrou êxito, pois de acordo com Tarcísio Rodrigues, presidente da Casa da Cultura, à época, “fizemos a Missa do Poeta, após a morte de Zé Marcolino. Fizemos três edições, mas descobrimos que a Missa do Poeta

² José Marcolino Alves, conhecido como poeta Zé Marcolino, e famoso por composições musicais interpretadas por Luiz Gonzaga, o Rei do Baião. A mais divulgada das suas composições é “Numa Sala de Reboco”;

não era o mote ideal. Não vendia como nós queríamos” (FERREIRA JÚNIOR, 2021, p. 85, **grifo nosso**).

Diante do insucesso da Missa do Poeta, e na continuidade da busca do chamado mote ideal para vender turisticamente a cidade, despertam-se os produtores culturais para a figura de Lampião. A exploração da memória lampiônica feita em outros locais levou os produtores culturais a enxergarem em Lampião potencial turístico, pois, segundo Tarcísio Rodrigues, **“a gente estava ali, vendo o filão, passar despercebido, sem ser utilizado [...] os inimigos de Lampião ganhando dinheiro com Lampião e, Serra Talhada, terra de Lampião, sem usufruir disso”** (FERREIRA JÚNIOR, 2021, p. 75, **grifo nosso**).

3.2.1 Estátua de Lampião em praça da cidade: sim ou não?

Era o início da década de 1990 e se lançou mão da ideia de se colocar em praça pública uma estátua de Lampião. Tal intencionalidade não se constituía novidade, porém, ganhava contornos novos, visto que os sujeitos atuantes no campo da cultura local, na busca de um mote para vender turisticamente a cidade, resolveram levar adiante o que se intencionou fazer em 1986.³

O desejo dos produtores culturais foi expresso de maneira institucional, ou seja, o projeto da estátua de Lampião em praça da cidade chegou aos ouvidos da população como sendo veiculado pela Fundação Casa da Cultura de Serra Talhada. A ideia, embora contasse com apoio do prefeito à época, Ferdinando Feitosa, dividiu opiniões dos cidadãos, gerando polêmica e acirradas discussões. Diante disso, o prefeito **“para evitar arbitrariedades e possíveis retaliações pelos segmentos contrários à homenagem, optou por realizar uma consulta direta à população”** (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1991).⁴

Definiu-se, então, que haveria um plebiscito. A data da realização foi marcada para o dia 7 de setembro do mesmo ano, durante as comemorações da festa da padroeira da cidade, Nossa Senhora da Penha. Somente serra-talhadenses natos, residindo ou não na cidade, poderiam votar. O voto seria facultativo, bastando somente comprovar a conterraneidade lampiônica e ter dezoito anos. Isto definido, as partes favoráveis e contrárias

³ Em 1986, o artista plástico e professor serratalhadense Juracy Jussé, esculpiu três pequenas estátuas – Lampião, Maria Bonita e Corisco – e as queria colocar numa praça da cidade.

⁴ Caderno Cidade. Recife, terça-feira, 9 de julho de 1991. A-9.

à instalação da estátua de Lampião em praça da cidade foram às ruas. Iniciava-se, assim, a campanha para adquirir votos.

Os favoráveis à implantação da estátua do cangaceiro em praça da cidade tomaram providências em relação à bandeira de campanha levantada pelos opositores, que centralizava o seu discurso no fato de ter sido Lampião bandido sanguinário. Essa discussão, inevitavelmente, trazia à tona as barbaridades cometidas pelo cangaceiro. Isto era desagregador e, por conseguinte não interessava aos que intencionavam lhe promover glorificação.

Assim, promoveram a Lampião um deslocamento de lugar nas discussões travadas a seu respeito na cidade. Tiraram-no da discussão polarizada herói/bandido e lhe promoveram ao ser somente história, uma maneira de ofuscar as atrocidades cometidas pelo cangaceiro. Além disso, deixar de lado o epíteto de herói promovia o esquivar-se da ira dos parentes das vítimas do cangaceiro. A IMAGEM 2 mostra a objetivação da ideia:



IMAGEM 2 - Slogan pichado em muro de escola, em Serra Talhada
Fonte: Diário de Pernambuco (1991).

Após acalorado embate discursivo, ocorrido nas ruas e em estúdio de rádio da cidade, e de ameaças feitas pelos opositores aos favoráveis à homenagem a Lampião, chega, por fim, o dia sete de setembro de 1991 e, com estrutura assemelhada à que se exige para a realização de um pleito eleitoral oficial (promovida pela Justiça Eleitoral), com reforço

policial e com a expectativa que perpassa os eleitores, a votação ocorreu, durando das 08:00h às 17:00h. Para estabelecer controle dos votantes, criou-se um comprovante, emitido pela Fundação Casa da Cultura de Serra Talhada, conforme se verifica abaixo (IMAGEM 3):



IMAGEM 3 - Comprovante de Votação Plebiscito em Serra Talhada
Fonte: Arquivo pessoal de Anildomá Willians de Souza, 1991.

Contrariando as expectativas ruins – porquanto havia ameaça de invasão da cidade, por parte de homens habitantes na vila de Nazaré, descendentes de nazarenos membros de volantes e perseguidores de Lampião –, a votação ocorreu normalmente. Compareceram aos postos de votação 2289 pessoas, das quais, 1648 (72%) disseram SIM à construção e implantação em Praça da cidade, de uma estátua de Lampião. De acordo com Ferreira Júnior (2021b, p. 44):

O resultado da votação foi divulgado no mesmo dia da votação, à noite, no programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão. Após a divulgação na televisão, houve o anúncio em palco instalado na Praça Sérgio Magalhães, a principal da cidade. Agora, por direito decorrido de vontade popular, Lampião seria homenageado, como pretendiam os inventores da tradição lampiônica (FERREIRA JÚNIOR, 2021b, p. 44).

Dois dias depois, em 9 de setembro de 1991, o ocorrido em Serra Talhada é noticiado nacional e mundialmente, exteriorizando o querer dos que defendiam ser Lampião o produto turístico capaz de promover visibilidade à cidade e, conseqüentemente, lhe promover

benesses financeiras. Veja-se o dito em Diário de Pernambuco, um dos dois maiores jornais de circulação no Estado (IMAGEM 4):



IMAGEM 4 - Manchete sobre o resultado do plebiscito em Serra Talhada.
Fonte: Diário de Pernambuco (1991).

Nada obstante a veracidade da manchete, o conteúdo da reportagem é sensacionalístico, porquanto não é condizente com a verdade dos fatos. Primeiro, o plebiscito não dizia respeito à absolvição ou condenação, mas a fixação ou não de estátua de Lampião em Praça da cidade. Segundo, a estátua seria colocada numa Praça e não no topo da serra que nomeia a cidade. Terceiro, não havia nenhuma definição do tamanho da estátua e a reportagem afirma-a maior que a do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro (38 metros) e, maior que a do Padre Cícero, em Juazeiro do Norte (27 metros). Por fim, o autor da reportagem arremata o seu arsenal de falácias, quando afirma: "A ideia é que ao lado da gigantesca figura de concreto, surjam bares e restaurantes, xaxódromo e forró-dromos. Quem sabe um anfiteatro ou hotel. Pode ser até que o lugar se torne um novo centro de romaria".

A consecução do projeto da estátua de Lampião não se realiza, sendo um conjunto de motivos o responsável. Além da inexistência de verba, houve significativos protestos pós-plebiscito e neles ameaças de morte. Não obstante, a falta de dinheiro para consecutar o projeto, talvez o receio de que as ameaças dos opositores viessem a se concretizar, tenha sido elemento determinante para não se levar adiante a ideia.

A não realização do projeto desejado pelos produtores culturais serra-talhadenses não se constituiu ponto final ao desejo de se construir a tradição lampiônica inventada. Exemplo comprobatório dessa afirmação são as ações de Domá, que juntamente com seus

familiares, começa a empreender ações que virão a dar corpo à nova tradição, que trará à cidade visibilidade, nacional e internacional, bem como lhe promoverá atratividade turística⁵.

3.3 Lugares de memória lampiônica em serra talhada usados para fins turísticos

A discussão sobre lugar de memória tem em Nora e Aun Houry (1993) expoente de destaque. Para o teórico citado, a (s) memória (s) de uma sociedade se encontra (m) em lugares específicos, os chamados lugares de memória, que lhes são conferidos pela história e que, por sua vez, leva os indivíduos dessa sociedade a entender que não são feitos de esquecimento, porém de lembranças.

Relacionado à memória lampiônica e ao seu uso para finalidade turística, em Serra Talhada existem dois lugares de memória, sendo um, no espaço urbano e outro no espaço rural, respectivamente: o Museu do Cangaço e o Sítio Passagem das Pedras. Acerca deles, pondera-se adiante.

3.3.1 O Museu do Cangaço de Serra Talhada

Para que se compreenda a importância do Museu do Cangaço de Serra Talhada para o robustecimento da tradição lampiônica inventada, necessário se faz entender, em primeiro plano, o que é um museu e sua relação com a coisa patrimonializada. Assim, de acordo com Canclini (2013, p. 169), “o museu é a sede cerimonial do patrimônio, o lugar em que é guardado e celebrado, onde se reproduz o regime semiótico com que os grupos hegemônicos o organizaram”. Diante dessa definição, entende-se que entrar em um museu não se constitui meramente adentrar um edifício e olhar as obras que nele se encontram, mas “também penetrar em um sistema ritualizado de ação social” (CANCLINI, 2013, p. 169).

Diante dessa ancoragem teórica e realidade histórica relacionadas aos museus, acredita-se que quando uma instituição dessa comporta em si uma intencionalidade previamente pensada – robustecer a tradição lampiônica inventada – presta significativo

⁵ Sobre as ações que dão corpo à tradição lampiônica em Serra Talhada, recomenda-se a leitura de “*Antes tarde do que nunca: trinta anos depois, Lampião tem estátua em Serra Talhada, seu lugar*”, autoria do prof. Dr. José Ferreira Júnior, disponível em <https://silo.tips/download/o-papel-da-midia-na-invenao-e-venda-da-memoria-de-lampiao-em-serra-talhada-pe>

serviço em atendimento à satisfação da demanda existente. É exatamente o que ocorre em Serra Talhada.

O Museu do Cangaço de Serra Talhada é uma instituição criada pela Fundação Cultural Cabras de Lampião. Existe desde 2007 e, desde o ano de 2009, passou a funcionar em um galpão da antiga estação de trem da cidade. Abaixo, são expostas imagens relacionadas ao Museu do Cangaço em Serra Talhada (IMAGEM 8), localizado na zona rural serra-talhadense, lugares este de memória lampiônica.



IMAGEM 8 - Museu do Cangaço de Serra Talhada - PE

Fonte: Tripadvisor LLC, 2022.

Embora seja nomenclaturado Museu do Cangaço, o foco do seu acervo é a pessoa de Lampião. Significativo é o acervo fotográfico, a quantidade e variedade de armas e, principalmente, objetos representativos da época cangaceira lampiônica. Abaixo, imagem do ambiente interno do referido museu, onde em destaque está Lampião (IMAGEM 9).



IMAGEM 9 - Ambiente interno do Museu do Cangaço de Serra Talhada – PE

Fonte: Tripadvisor LLC, 2022.

Percebe-se o foco dado a Lampião e a elementos constitutivos do cangaço por ele protagonizado. As fotografias expostas em painéis se referem também a Lampião e a personagens do seu bando. À direita, vê-se painel registrando a pessoa de Maria Bonita, a companheira de Lampião.

No ano de 2019, estátuas de Lampião, Maria Bonita e Zabelê (cangaceiro serra-talhadense) foram colocadas na parte lateral do museu, como se verifica no registro abaixo (IMAGEM 10):



IMAGEM 10 - Museu do Cangaço em Serra Talhada

Fonte: Tripadvisor LLC, 2022.

Há mais de trinta anos, em 1991, conforme já foi dito neste texto, grande confronto se estabeleceu relacionado à construção e fixação de uma estátua de Lampião em praça da cidade, levando a população à decisão em plebiscito. Teria finda a resistência à homenagem ao Rei do Cangaço? Estaria a correlação de forças favorável? Estes questionamentos estimulam novas pesquisas.

3.3.2 *O sítio Passagem das Pedras*

Distando trinta e cinco quilômetros de Serra Talhada, o sítio Passagem das Pedras, localizado no distrito São Miguel, é o lugar onde nasceu, em casa de sua avó, dona Jacosa, Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. O espaço rural pertence, hoje, a Anildomá Willans de

Souza, que, visando promover atratividade turística, transformou o espaço rural em um lugar de memória⁶. Assim, sendo os lugares de memória espaços construídos sob o discurso de impedir ruptura com o passado, a ação de sua construção é perpassada por intenções previamente definidas, ou seja, trata-se de uma ação social racional que visa a um fim (WEBER, 2022).

Ao se apropriar de um espaço que deveria ser apropriado pelo poder público, a Fundação Cultural Cabras de Lampião, na pessoa do produtor cultural Anildomá Willans (Domá), executa ações previamente pensadas, visto que, no referente à sua invenção, os lugares de memória se revelam importantes politicamente (LE GOFF, 2013). Assim, a apropriação de uma determinada memória, seguida da construção de um local específico para sua manipulação, produz controle do passado e, dessa forma, legitima ações do presente e intencionalidades futuras.

As ações da Fundação Cultural Cabras de Lampião realizadas no Sítio Passagem das Pedras incluem-no, de fato, no gozo de status de lugar de memória, uma vez que este tipo de espaço não prescinde de tríplice estrutura: material, funcional e simbólica (NORA; AUN KHOURY, 1993). Verificando o que existe e acontece no Sítio Passagem das Pedras, percebemos a presença da materialidade, da funcionalidade e da simbologia, exigidos a um lugar de memória, conforme será visto adiante.

Quanto à funcionalidade, o sítio Passagem das Pedras presta-se à função de recepcionar turistas, que durante todo o ano acessam o seu espaço. Geralmente a ida ao sítio é um dos elementos constitutivos do “tour lampiônico” oferecido pela Fundação Cultural Cabras de Lampião. Começa-se pela visita ao Museu do Cangaço e, querendo o turista, agenda-se ida até o sítio Passagem das Pedras. Geralmente a ida ao sítio é ciceroneada por “cangaceiros e cangaceiras”, que procuram transmitir ao turista um quê dos dias lampiônicos, ou seja, a ideia é que o turista entre na lógica cangaceira.

As imagens abaixo (IMAGEM 11) mostram turistas acessando o sítio e, com isso, demonstrando a funcionalidade do lugar no referente à mercadorização da memória lampiônica e o seu consequente uso turístico. A primeira delas mostra a preocupação dos

⁶ Seria pueril atribuir espontaneísmo ao surgimento dos lugares de memória, uma vez que, na maioria das vezes, mostram-se ligados a discursos identitários. Desse modo, de acordo com Nora e Aun Khoury (1993, p. 13), “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais”.

visitantes em ter como comprovar sua ida ao lugar onde nasceu Lampião. A outra, por sua vez, registra um grupo de turistas também deixando claro onde estiveram, visto que, ao fundo, com uma placa explicando, encontra-se a casa reconstruída da avó de Lampião, dona Jacosa, em cujo interior existem peças relacionadas ao cangaço lampiônico e ao cotidiano sertanejo.



IMAGEM 11 - Turistas, na entrada e no interior, do sítio Passagem das Pedras

Fonte: Cariri Cangaço, 2018.

No referente à materialidade, enquanto lugar de memória, o sítio Passagem das Pedras contém elementos materiais naturais e artificiais referente à memória lampiônica e que são exploradas turisticamente, conforme as imagens abaixo demonstram (IMAGEM 12):



IMAGEM 12 - Elementos materiais presentes no sítio Passagem das Pedras

Fonte: Cláudio André Santos, 2018.

A primeira imagem registra estátua de Lampião, tendo ao fundo a réplica da casa de sua avó, dona Jacosa, onde nasceu. Uma leitura mais acurada do registro fotográfico pode

levar ao entendimento das duas faces de vida vivenciadas pelo terceiro filho de José Ferreira e Maria Lopes. Ou seja, a casa, lugar de nascimento de Virgulino Ferreira da Silva, um como muitos dos sertanejos de seu tempo; a estátua mostra a transformação vivenciada pelo jovem Virgulino, que sai de sua dimensão de agricultor, vaqueiro e artesão e, mediante circunstâncias históricas, adentra a de cangaceiro e, por conseguinte fora-da-lei.

O outro elemento material, este natural, são as pedras onde os irmãos Ferreira, Antônio, Livino e Virgulino emboscaram Zé Saturnino, 1916, fazendo existir o primeiro confronto entre as partes citadas, dando início a uma questão que durará por anos e que, por parte de Lampião, foi utilizada como escudo ético (MELLO, 2011), ou seja, justificativa para sua continuidade na vida cangaceira de vingança, que se iniciou em 1922 e terminou em 1938, com sua morte.⁷

Quanto à questão simbólica, no sítio Passagem das Pedras estão as ruínas da casa grande (sede) da fazenda Pedreira, pertencente a Zé Saturnino, considerado na historiografia cangaceira lampiônica como sendo o inimigo número um de Lampião. Abaixo, tem-se o registro fotográfico dessas ruínas (IMAGEM 13).



IMAGEM 13 - Ruínas da casa grande (sede) da fazenda Pedreira, de Zé Saturnino

Fonte: Cláudio André Santos, 2018.

As paredes da casa grande da fazenda Pedreira testemunham a intriga existente entre os irmãos Ferreira - Antônio, Livino e Virgulino - agora cangaceiros, e Zé Saturnino, antigo vizinho de terras.

⁷ De acordo com Frederico Pernambucano de Mello, em *Guerreiros do Sol: Banditismo no Nordeste do Brasil* (2011), três tipos de cangaço existiram: vingança, refúgio e meio-de-vida. Lampião desenvolveu um cangaço meio-de-vida, mas sustentou a vingança como “escudo ético”. Matar Zé Saturnino era o que dizia ser seu desejo. Todavia, em nenhum momento de sua vida cangaceira empreendeu confronto ao fazendeiro. A continuidade de vida de Zé Saturnino justificava a continuidade cangaceira de Lampião

Além das informações contidas na placa, que satisfaz a imediata curiosidade dos turistas, a parede que resta, subsistindo há mais de um século às intempéries naturais, mostra-se significativa de onde brotam significados diversos, dentre eles, a agressividade dos atacantes e a resistência dos moradores.

A agressividade dos atacantes, no caso Lampião e seus cangaceiros (entre eles, seus irmãos, Antônio e Livino), é denunciada pelas marcas deixadas pelas balas disparadas em direção a casa, identificadas pelas formas arredondadas na parede. A resistência dos moradores é visível mediante a existência de uma perfuração, feita de dentro para fora, de formato quadrado, chamada torneira, através da qual os moradores atiravam nos atacantes.

O ataque promovido por Lampião a Zé Saturnino, segundo registro de Filho Neto e Alves Sobrinho (2015), ocorreu no ano de 1922, quando Lampião assume comando de bando de cangaceiros, após seu chefe, Sinhô Pereira, abandonar as hostes cangaceiras e dirige-se para Goiás, retornando a Serra Talhada 49 anos depois (SÁ, 2001).

4 Resultados e discussão

A discussão desenvolvida neste texto mostra como ocorre, como finalidade turística, o uso da memória lampiônica em Serra Talhada e, dessa forma, procura mostrar como se deu a construção de uma tradição lampiônica na cidade e, após a construção dela, o empenho dos produtores culturais em fazê-la robustecida, através de celebrações, festividades, eventos, lugares de memória. Nisto se encontra a sua relevância, uma vez que se procura mostrar que o hoje observado é fruto de uma construção, que tem em sujeitos históricos a sua agência.

Assim, no transcurso de todo o ano, Serra Talhada recebe turistas interessados em ter acesso a informações sobre Lampião, ver de perto e até tocar elementos materiais, naturais e artificiais, que se atrelam à sua vida cangaceira. Os eventos se sucedem, havendo, por parte da Fundação Cultural Cabras de Lampião, dedicação de atenção significativa aos de fora, a partir do entendimento que turistas satisfeitos são propagadores do produto e dos serviços oferecidos no lugar aonde vão.

A movimentação turística em torno da memória lampiônica em Serra Talhada desdobra-se na satisfação de demandas diversas, dentre elas as das pousadas e dos hotéis

locais, que tem seus leitos ocupados, bem como de bares e restaurantes que experimentam aumento do número de consumidores.

De fato, a intencionalidade dos produtores culturais em vender a cidade turisticamente, principiada nos anos 1990, tendo como produto a ser oferecido a memória lampiônica, encontra, atualmente, resposta positiva. Lampião vende turisticamente sua terra natal.

5 Considerações Finais

Entende-se que a contribuição deste texto reside no fato de ter se trazido à luz o enredo da construção de uma memória lampiônica para ser oferecida aos de fora, ou seja, para que à cidade de Serra Talhada afluam pessoas e consumam a mercadoria turística que se oferece, Lampião.

Todavia, como deve ser considerada toda pesquisa, não existiu aqui a pretensão de exaurir o objeto investigado. Há, ainda, muito a ser explorado, no referente à temática memória lampiônica e turismo em Serra Talhada, tanto é que se mostram recorrentes as visitas de pesquisadores, formados ou em formação, em busca de construir narrativas acerca da memória lampiônica e do seu uso por produtores culturais, em Serra Talhada, no referente à exploração turística da cidade.

Justaposto a essa constatação, é verificada a agência constante dos produtores culturais locais, no referente à busca de robustecer a tradição lampiônica inventada, dando à memória do chamado Rei do Cangaço, lugares como o Museu do Cangaço e o Sítio Passagem das Pedras, este comportando construções – naturais e artificiais – de importância significativa, no referente à rememoração do início da saga cangaceira lampiônica e, também, na proposição de eventos, festas e celebrações, onde a ênfase recai sobre a memória lampiônica.

Desse modo, pode-se afirmar existir em Serra Talhada turismo lampiônico. A memória lampiônica é promotora de atratividade para os de fora, ou seja, em torno dela são inventados discursos e realizadas ações, na agência de produtores culturais, que resultam em chamariz significativo. Assim, o intencionado pelos produtores culturais locais – vender a cidade turisticamente – encontra sua realização em Lampião.

Referências

- ALBERTI, V. **Vender história? A posição do CPDOC no mercado das memórias**. Rio de Janeiro. CPDOC, 1996.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2013.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Caderno Cidade**. Recife, terça-feira, 9 de julho de 1991. A-9.
- DOSSE, F. **A História à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido**. 2. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2018.
- FERREIRA JÚNIOR, J. **A memória de Lampião em disputa: discursos e ações de produtores culturais na região do Pajeú**. Curitiba. CRV. 2021a.
- FERREIRA JÚNIOR, J. **Lampião, um “desconhecido” em seu lugar de origem: a invisibilidade histórica lampiônica no ensino de história em escolas públicas de ensino fundamental, em Serra Talhada – PE**. Dissertação de Mestrado. PROFHISTÓRIA. Universidade Regional do Cariri– URCA. Crato – CE. 2021b.
- FILHO NETO, A.; ALVES SOBRINHO, J. **Pegadas de um sertanejo: vida e memória de José Saturnino**. Recife: Ed. Recife, 2015.
- HOBBSAWM, E.; RANGER. T. **A Invenção das Tradições**. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- LE GOFF, J. **História & Memória**. 7. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.
- LINS, D. **Lampião, o homem que amava as mulheres**. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2001.
- MELLO, F. P. de. **Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. 5. ed. São Paulo: A Girafa, 2011.
- NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 29 dez. 2022.
- SÁ, A. F. A. O Cangaço entre a história e a memória. **Revista Tempos Históricos**. Dossiê, práticas culturais e identidades, v, 9, 2006, Marechal Cândido Rondon.
- SÁ, L. L. C. **Serra Talhada: 250 anos de história, 150 anos de emancipação**. Serra Talhada: Sertagráfica, 2001.

SANTANA, A. **Antropologia do turismo: Analogias, encontros e relações.** São Paulo: Editora Aleph, 2009.

WEBER. M. **Economia e Sociedade.** São Paulo: Edições 70. 2022.